

COMPORTA

AGOSTO 2022

gazette

Terras da Comporta: preservar para valorizar

Propostas arquitetônicas contemporâneas, perfeitamente enquadradas na paisagem e que respeitam o meio-ambiente, construídas com recurso a materiais naturais e sustentáveis como a madeira e a cortiça, usando avançadas tecnologias e visando a excelência ao nível da eficiência e do conforto.

Há um par de anos, uma das mais reputadas publicações internacionais de arquitetura, a *ArchDaily*, titulava desta forma o seguinte artigo sobre inovação: *Será a Madeira Laminada Cruzada (CLT) o betão do futuro?*

Tudo indica que sim, sobretudo desde que a questão da sustentabilidade passou a ser transversal a todas as áreas da sociedade e da economia, designadamente na construção civil, durante as últimas décadas do século XX dominada pelo betão e pelo aço, mas cuja pesada pegada ecológica começa agora a deixar de ser suportável para o planeta. Sempre atenta ao desenvolvimento de tecnologias que permitam reduzir o impacto ambiental em novos projetos, sobretudo se estes se situarem num território de grande beleza e riqueza paisagística como a Comporta, a Vanguard Properties decidiu que todos os empreendimentos previstos para o maior projeto imobiliário da região, o Terras da Comporta, serão implementados utilizando a madeira como material e sempre segundo dois sistemas construtivos: o já referido CLT (*Cross Laminated Timber*) e o *Wood Frame*.



Em comum, estes dois sistemas partilham a vantagem de utilizarem um material nobre e natural, um recurso renovável e reciclável que promove o reflorestamento, retém o dióxido de carbono e não requer a queima de combustíveis fósseis durante a sua produção. Aliás, o desenvolvimento de novas tecnologias na área da engenharia e da arquitetura tornou possível que a construção a partir de estruturas em madeira, outrora amplamente utilizada (ainda hoje podemos encontrar as célebres e centenárias gaiolas pomboas em vários prédios da baixa lisboeta), seja hoje uma solução não só altamente sustentável, como muito competitiva face às estruturas de aço, betão ou mesmo alvenaria. E as vantagens são inúmeras: maior resistência aos fogos e aos sismos, maior facilidade de transporte e montagem, melhor relação peso/resistência e maior economia dos custos. Acresce ainda que a construção com estes materiais é sempre feita *off-site*, ou seja, em ambiente

O DESENVOLVIMENTO DE NOVAS TECNOLOGIAS NA ÁREA DA ENGENHARIA E DA ARQUITETURA TORNOU POSSÍVEL QUE A CONSTRUÇÃO A PARTIR DE ESTRUTURAS EM MADEIRA, OUTRORA AMPLAMENTE UTILIZADA (...), SEJA HOJE UMA SOLUÇÃO NÃO SÓ ALTAMENTE SUSTENTÁVEL, COMO MUITO COMPETITIVA.

fábrica e controlado, promovendo desta forma a qualificação do emprego e a redução da poluição atmosférica, visual e ambiental. Paralelamente, o facto de um edifício em madeira pesar menos 80% a 85% face a um de betão, reduz a dimensão das estruturas de suporte e, simultaneamente, da necessidade de fundações (igualmente em betão) que seriam muitíssimo intrusivas na paisagem protegida da Comporta.

“A madeira é um material com características construtivas excecionais: tem capacidade de resistência à compressão, tensão e flexão como nenhum outro, sendo ainda um material com uma condutibilidade térmica muito baixa,” explica Nuno Vale, CEO da Ooty, uma empresa especializada nesta área e escolhida pela Vanguard para levar a cabo a construção dos vários projetos para o Terras da Comporta, sejam os da Torre, local
(continua na pág. seguinte)

(continuação da pág. anterior)

lizados no vasto pinhal que rodeia a típica povoação alentejana com o mesmo nome à beira dos arrozais, sejam os do Dunas, situados nos terrenos sobranceiros à Praia do Pego. Aliás, foi tendo por base a total confiança na alteração definitiva do paradigma construtivo que a Vanguard realizou recentemente um investimento que resultou na entrada do capital da Black Oak Company, a empresa especialista em sistemas construtivos sustentáveis fundada por Nuno Vale e que detém a marca Ooty e a recém-criada Kōzōwood, que irá atuar num segmento mais elevado.

“Quem compra um imóvel, geralmente questiona-se se estará ou não a fazer uma boa aquisição ou um bom investimento, mas em pleno século XXI, uma boa compra passa sobretudo por adquirir algo que, em termos de sustentabilidade, esteja já num patamar superior. No sector imobiliário acreditamos que as casas com alta eficiência energética e uma pegada ambiental negativa são sempre uma garantia de valorização e, neste contexto, a madeira é claramente o futuro”, sublinha, convicto, José Cardoso Botelho, CEO da Vanguard Properties.

CLT vs Wood Frame

Embora a construção em CLT tenha começado por ser utilizada na Áustria durante a década de 1940, atualmente está já amplamente difundida por todo o mundo, graças não só às suas excelentes características em termos de resistência, aparência e versatilidade, como também por tornar possível construir em altura. Os painéis em CLT são compostos por lamelas de madeira maciça, coladas e prensadas em camadas, e cada lamela é orientada perpendicularmente à anterior, gerando uma maior rigidez estrutural em ambas as direções e, consequentemente, uma maior resistência à tração e à compressão. Estes painéis podem funcionar como paredes, pisos, forros e telhados e a sua espessura e comprimentos podem ser



“No sector imobiliário acreditamos que as casas com alta eficiência energética e uma pegada ambiental negativa são sempre uma garantia de valorização e, neste contexto, a madeira é claramente o futuro.”

José Cardoso Botelho, CEO da Vanguard Properties

adaptados às exigências arquitetónicas de cada projeto.

“O CLT é um produto que potencia a construção de edifícios sustentáveis e ecológicos em altura e grandes estruturas, portanto, mais direcionado para prédios grandes, sendo possível construir edifícios de 30 a 40 andares. Inclusivamente, estão já a ser projetados, um pouco por todo o mundo, verdadeiros arranha-céus com quase o dobro desta altura”, refere ainda Nuno Vale.

Em contrapartida, o Wood Frame é o sistema mais utilizado no mundo para construção de moradias, estando amplamente implementado em mercados

tão diferentes quanto os países nórdicos, o Canadá, os EUA, a África do Sul, grande parte da Ásia, várias regiões da China, o Japão, a Austrália e a Nova Zelândia. Segundo explica o responsável da Ooty e da Kōzōwood, este sistema utiliza caixilhos compostos por montantes estruturais em madeira, estabilizados por um painel contraventamento e preenchidos com diferentes tipos de isolamento térmico como, por exemplo, aglomerado de cortiça expandida.

“O Wood Frame é, pois, um produto mais indicado para estruturas sustentáveis e ecológicas de menores dimensões, mas onde se pretende atingir uma elevada efi-

ciência energética com um coeficiente de transmissão térmica baixo”, acrescenta, explicando que na empresa agora também detida pela Vanguard Properties já trabalham com ambos os sistemas na montagem de moradias, muitas vezes de forma complementar para tirarem o melhor partido das vantagens de cada um. E assegura que qualquer que seja o sistema utilizado, a Ooty e a Kōzōwood recorrem sempre a madeiras internacionalmente certificadas e devidamente catalogadas por capacidade de resistência para a construção, provenientes de florestas bem geridas e igualmente certificadas com o carimbo da FSC (Forest Stewardship Council), de forma a garantir que não estão a ser utilizadas madeiras provenientes de uma desflorestação descontrolada. É o caso dos pinhos nórdicos e americanos, por exemplo. Entretanto, a empresa está já a preparar um processo nacional de certificação das madeiras portuguesas para construção através de uma parceria com a Universidade do Minho.

Nuno Vale não hesita em afirmar que a Vanguard tem *“uma visão surpreendentemente refrescante no sector da construção”*, pois não só se preocupa com o que faz, como compreende as vantagens claras destes sistemas quer quanto à rapidez construtiva, quer quanto à oferta de qualidade superior em termos de eficiência energética. *“Em todos os projetos imobiliários para o Terras da Comporta há sempre uma componente ecológica muito forte, uma vertente sustentável nunca antes vista por cá, com precauções que garantem a imagem verde desta região e com a vantagem de se garantir a manutenção que estes territórios tanto necessitam, pois muitos são os que se encontram ao abandono”*, adianta. E conclui: *“Em pleno século XXI, são os próprios clientes que têm outro tipo de exigências e preocupações com o meio ambiente e com a sua preservação. A Vanguard não pretende de todo replicar o que aconteceu noutros locais de Portugal em décadas passadas e as novas construções serão estruturas sem grande impacto arquitetónico na envolvente e que respeitam todas as exigências perdidas”*.



E faça-se luz...

Produzir para renovar. A maior comunidade energética da Europa vai nascer no Terras da Comporta através da implantação de múltiplos painéis fotovoltaicos, permitindo que cada consumidor seja também produtor de eletricidade.

Hoje, a tecnologia permite que além de consumidores de energia possamos ser também produtores e para que tal aconteça basta instalar um sistema fotovoltaico no telhado. É o que vai acontecer no projeto imobiliário Terras da Comporta que não só aposta na energia renovável como pilar fundamental, como tem por objetivo ser cem por cento sustentável.

“Cada casa, cada hotel, cada espaço comercial terá instalados painéis fotovoltaicos que irão produzir energia para consumo próprio ou para partilha com a comunidade, sempre que não haja necessidade de consumo ou em caso de excesso de produção”, explica-nos Manuel Collares Pereira, atual assessor científico da Vanguard Properties e uma das principais referências nacionais em questões da energia e sustentabilidade. O antigo professor do Instituto Superior Técnico (IST) e coordenador da Cátedra de Energias Renováveis na Universidade de Évora, fundador e duas vezes presidente do Centro de Conservação de Energia (atual ADENE – Agência para a Energia) e da Sociedade Portuguesa de Engenharia Solar, acrescenta ainda que este projeto “vai ter cerca de mil residências e vários edifícios que podem ser ao mesmo tempo consumidores e produtores. Ao associá-los constituímos aquilo a que se chama uma comunidade energética”.

Em ambos os empreendimentos que fazem parte do Terras da Comporta, o Torre e o Dunas, todos os edifícios particulares ou comerciais vão estar equipados com painéis fotovoltaicos e ligados em rede, o que permitirá criar a maior comunidade energética da Europa. Assim, quando ligar o interruptor, o proprietário de qualquer uma das moradias aqui construídas será membro dessa comunidade e irá consumir energia renovável produzida por ele próprio e pelos seus vizinhos. Ao utilizar os recursos gerados localmente, toda a comunidade beneficia de ener-



gia com origem numa fonte renovável, totalmente limpa e fundamental para a eficiência energética do empreendimento, contribuindo assim, de forma muito significativa para o desenvolvimento sustentável quer desta região, quer do país. E, claro, poupando também na fatura mensal.

“A redução no custo da energia pode ir até 40% comparativamente à rede normal”, adianta Manuel Collares Pereira. “As comunidades energéticas – explica o consultor da Vanguard Properties para este projeto – são, por um lado, um conceito de partilha de produção e consumo e, por outro, uma figura jurídica com uma empresa por detrás que oferece o serviço”. Neste caso, a Vanguard Properties e a Energia Unida, do grupo Greenvolt, uniram-se para desenvolver a comunidade energética do Terras da Comporta.

Esta parceria está alinhada com os valores e posicionamento do projeto, que tem por objetivo o desenvolvimento da região, a inovação e a sustentabilidade. *“Esperamos que esta iniciativa que vamos implementar nos empreendimentos Dunas e Torre cresça e se expanda, que seja capaz de criar um movimento, que se alargue aos que estão à nossa volta e os inspire a seguir o exemplo para que contribuam para o aumento da produção das energias renováveis em Portugal”, salienta Manuel Collares Pereira.*

A economia de escala resultante da implantação destes múltiplos painéis fotovoltaicos vai permitir aos empreendimentos terem uma autonomia energética de, pelo menos, 80%, através da produção própria ou a partir de fontes renováveis. A previsão da capacidade máxima instalada é de 7 MW – o suficiente para fornecer energia a cerca de duas mil famílias.

“O projeto Terras da Comporta vai ser inovador em muitas áreas. A nossa definição de sustentabilidade não está só centrada em torno da energia ou da biodiversidade. É uma visão mais abrangente e completa”, reforça Manuel Collares Pereira. E explica que a estratégia de desenvolvimento sustentável que a Vanguard Properties definiu para o Terras da Comporta assenta tanto neste inovador conceito de Net-Zero Energy Building (NZEB), como no recurso à madeira como material de construção e sempre segundo dois sistemas, o CLT (Cross Laminated Timber) e o Wood Frame (ver artigo de capa). “O sistema fotovoltaico fornecerá ao edifício a quantidade de energia que este precisa e, feito o balanço,



“Queremos ser o bom exemplo que outros não-de-querer copiar no futuro.”

Manuel Collares Pereira, assessor científico da Vanguard Properties

o saldo será nulo”, adianta, salientando que daqui por quinze, vinte anos, toda a legislação europeia vai tornar obrigatório o NZEB. “É o futuro... e o futuro é já amanhã”, sublinha.

Os empreendimentos Dunas e Torres localizam-se no meio do pinhal e continuarão a ser parte desse mesmo pinhal, do qual ocupam uns escassos 6% e 8% de área, respetivamente. *“Uma das coisas que queremos e vamos fazer é gerir a nossa floresta, de maneira a preservá-la e garantir a sua biodiversidade. Ao fazê-lo, estaremos a garantir a sustentabilidade total deste investimento”,* refere o professor. Já o abastecimento de água chegará através de furos de captação, tal como acontece hoje em dia na aldeia da Comporta ou no Carvalhal. Existem fortes restrições resultantes dos Planos de Pormenor na quantidade de jardins regados, sendo privilegiada a rega gota a gota em detrimento da rega por aspersão. Também os dois campos de golfe Dunas e Torre contarão com uma fonte própria de abastecimento. A água tratada nas ETAR a construir pela Vanguard nos dois empreendimentos será usada como fonte para a rega. Serão abertos caminhos pedonais e ciclovias que contribuam para a redução de utilização de automóveis próprios e criadas infraestruturas que promovam a utilização de carros elétricos. Está previsto um serviço de *shuttles* para a praia. Além destas medidas de salvaguarda ambiental, a Vanguard quer fomentar toda uma atividade económica em torno do projeto, para o alimentar com base na produção local.

O Terras da Comporta vai ser inovador em todos os sentidos, um pioneirismo que Manuel Collares Pereira sonha que venha a ser seguido por muitos. *“Queremos ser o bom exemplo que outros não-de-querer copiar no futuro”.*

Entre as Dunas e o Mar

É um *Links* puro, bem ao estilo dos mais antigos e tradicionais campos de golfe escoceses, ou não fosse o seu arquiteto, também ele um escocês, David McLay Kidd, um dos mais conceituados *golf designers* da atualidade, responsável, entre muitos outros, pelo icónico campo de Bandon Dunes, no Oregon (EUA).

“O golfe começou a ser jogado ao longo da costa acidentada do meu país, sobre as dunas e os terrenos arenosos que bordejam as praias, onde a brisa marítima é sempre uma constante. É a isto que chamamos um *Links Golf*,” explica David McLay Kidd.

Nascido e criado na Escócia entre campos de golfe e golfistas, desde muito cedo acompanhou o pai, Jimmy Kidd, *Golf Course Superintendent*, na sua paixão pelo jogo, mas, sobretudo, na sua constante preocupação em gerir os campos de forma ecológica e sustentável, um

princípio que continua a seguir escrupulosamente, desenhando campos que não só respeitam o equilíbrio do ecossistema onde estão inseridos, como também realçam a beleza natural do meio envolvente.

Com a abertura prevista para 2023, mas em regime de *soft opening* a partir de abril do mesmo ano, os dezoito buracos do Dunas Golfe espraíam-se ao longo de cerca de 38 hectares caracterizados pela belíssima paisagem natural da região: dunas ondulantes, grandes manchas verdes de pinhal e relvados a perder de vista.

“Este campo é um par 71 *Championship Course* – refere Rodrigo Ulrich, o mais recente *Golf Director* da Vanguard Properties. “É desafiante e digno de entrar nos circuitos de alta competição, mas que nos deixa recuperar quando falhamos. Está desenhado para proporcionar um bom jogo aos profissionais e, em virtude de ter vários tees de saída, até os juniores podem divertir-se a jogar.”



Segundo Rodrigo Ulrich, o Dunas Golfe ainda vai contar com uma academia – que pode ser frequentada tanto pelos profissionais (por exemplo, o famoso jogador português Pedro “Figgy” Figueiredo, embaixador Vanguard), como por iniciantes – cuja área rondará os três hectares.

Com uma visita programada para outubro próximo e a confirmação da sua presença na inauguração, David McLay Kidd define este campo em poucas palavras: “Basta olhar para a lista dos melhores campos do mundo, de St. Andrews a Pebble Beach, para perceber que as dunas, a influência da brisa marítima e a beleza da costa são os elementos que o Homem não pode criar, têm de existir naturalmente. O Dunas é um verdadeiro *Links Golf*, único em Portugal, único em todo o sul da Europa. Para os golfistas que conhecem *Links* este será um campo de golfe “must play”! E para aqueles que ainda não conhecem, será uma nova experiência, um despertar para o que o golfe deve realmente ser e proporcionar.”



Entrevista a David McLay Kidd

Depois de desenhar campos de golfe tão famosos e tão bonitos em todo o mundo, o Dunas, na Terras da Comporta, será o seu primeiro projeto na Europa continental. O que é que o torna tão original e distinto?

O golfe joga-se melhor quando se está rodeado de belas paisagens como é o caso do Dunas. Os meus melhores trabalhos foram feitos em terrenos arenosos junto ao mar e este campo situa-se precisamente entre o oceano Atlântico e uma extensa barreira de dunas de areia muito fina e branca.

A escala destas dunas é enorme e, apesar das formas serem suaves, podem chegar aos dez, quinze ou até vinte metros de altura. Os ventos do campo sopram através destas dunas imensas, por vezes abrigadas e protegidas, outras vezes totalmente expostas.

A característica mais original e distinta deste campo é a relva que utilizámos,

a Festuca, pois é exatamente a mesma relva que cresce no campo de St. Andrews conhecido como *The Home of Golf*.

A Festuca cresce melhor em terrenos de areia junto à costa e em climas temperados, e adora a costa da Comporta!

Este tipo de relva permite que os jogadores atirem a bola tanto pelo ar como junto ao solo, exatamente como fazem na Escócia.

Qual foi o seu maior desafio ao projetar o Dunas?

O maior desafio não foi desenhar um *layout* que respeitasse o meio-ambiente da região, mas sim ir desenvolvendo e recuperando um projeto que visitei pela primeira vez em 2008. Nesse sentido, tem sido não só um longo processo como um grande desafio, mas a espera valeu a pena!

E a sua maior surpresa?

Como o *layout* deste campo ficou quase completo seis anos antes de ser comprado pela Vanguard, a vegetação endémica cresceu naturalmente durante esse tempo e agora o campo já parece maduro ainda antes de ser inaugurado, algo que raramente acontece.



Em casa, ao redor da chaminé

Em forma de cilindro, retângulo ou quadrado, a chaminé é o símbolo da cultura alentejana, mas também o centro e a alma da casa. É em seu redor que a família se reúne durante o serão, nas longas noites de inverno ou de verão, para conversar, petiscar ou simplesmente relaxar.



Espaçosas e luminosas, são uma reinterpretação moderna e criativa das tradicionais casas alentejanas em que a grande lareira e a sua chaminé ocupam o lugar central e a partir do qual se desenvolve a zona de estar, a cozinha e o espaço para refeições. Assinadas pelo prestigiado gabinete de arquitetura Saraiva & Associados, as Casas da Chaminé situam-se no Muda Reserve, o projeto residencial desenvolvido pela Vanguard Properties nascido em pleno areal, por entre pinheiros e sobreiros e quase como uma extensão da pacata aldeia da Muda, de apenas 40 habitantes, situada entre a Comporta e Grândola.

Assente num conceito inovador – recriar a vivência simples, tranquila e comunitária das aldeias rurais da região –

o Muda Reserve estende-se por 350 hectares, numa localização privilegiada entre o campo e mais de 60 quilómetros de praias quase desertas, propondo diferentes tipos de habitação numa simbiose perfeita entre a área urbana ordenada e a área rural periférica: casas, vilas e quintas, concebidas segundo as necessidades e as preferências dos seus proprietários.

As Casas da Chaminé fazem parte do empreendimento Casas da Aldeia, erguem-se em dois pisos, compreendem áreas entre os 180 m² e os 300 m² e estão disponíveis em tipologias que vão do T3 ao T5, sempre com piscina e jardim particular, muita privacidade graças à generosa dimensão dos lotes (de 830 m² a 1900 m²) e vista desafogada para o pinhal, num equilíbrio perfeito com a

paisagem envolvente. O espaço interior surpreende e convida quer à descoberta de pormenores arquitetónicos curiosos, quer a serões repletos de familiares e amigos em redor da ampla lareira que domina a zona de estar e de refeições, zona essa que apresenta um duplo pé-direito impactante e revestido a vigas de madeira. Já a cozinha tanto pode estar aberta num ambiente mais informal como completamente fechada.

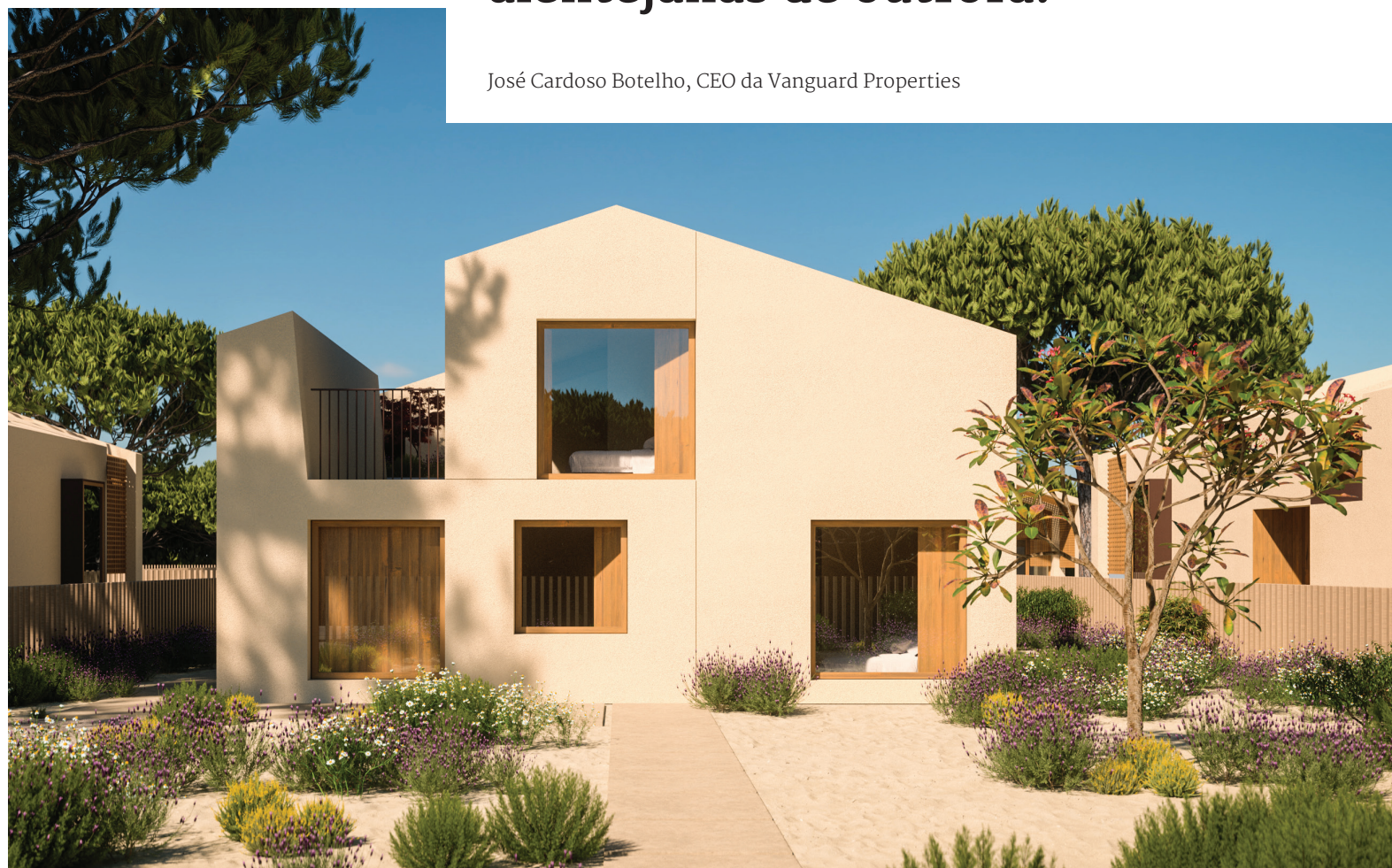
“Serão moradias totalmente sustentáveis e de alta qualidade, de traça contemporânea e tecnologia inovadora, mas que preservam o espírito das tradicionais casas alentejanas de outrora.”

José Cardoso Botelho, CEO da Vanguard Properties



Localizada no primeiro piso, a suite principal conta com um terraço e duche exterior. Numa primeira fase, serão construídas trinta unidades que começaram já a ser comercializadas, embora ainda em planta. E porque a sustentabilidade é o princípio que norteia todos os projetos da Vanguard Properties, estas primeiras trinta Casas da Chaminé serão também as primeiras moradias do Muda Reserve construídas com estruturas de madeira segundo o sistema Wood Frame e a incluir painéis fotovoltaicos, de forma a serem autossuficientes em termos energéticos, ou seja, a serem antes *Net-Zero Energy Buildings* (NZEB), edifícios cujo balanço energético anual seja quase nulo.

“Serão moradias totalmente sustentáveis e de alta qualidade, de traça contemporânea e tecnologia inovadora, mas que preservam o espírito das tradicionais casas alentejanas de outrora”, conclui José Cardoso Botelho, CEO da Vanguard Properties.



Terras da Comporta: imagens inéditas



Pedro Narra, 47 anos, nasceu e cresceu em Setúbal, mas tem raízes no Alentejo. Foi na Amareleja, em casa dos avós onde sempre passou férias, que fez as descobertas fundamentais que o marcaram para a vida: a figa e o anzol, as vindimas no verão, a apanha da azeitona no inverno ou as armadilhas para os pássaros em qualquer altura. Aos 17 anos torna-se nadador-salvador em Sol Troia e descobre os golfinhos do Sado, uma relação que mais tarde aprofundará em Kaikoura, na Nova Zelândia, para onde vai fazer um estágio como estudante de Gestão Hoteleira da Escola de Hotelaria e Turismo do Porto.

A experiência vivida neste santuário da natureza será o ponto de partida para uma extraordinária viagem pela Austrália e pelo Pacífico, viagem essa que o faz acertar o rumo. Regressa a Portugal e, em 1998, funda a empresa de observação de golfinhos, Vertigem Azul. A fotografia torna-se, então, uma atividade permanente. Fotografa para a Região de Turismo da Costa Azul, colabora com a *National Geographic*, edição portuguesa, e publica livros de arte: *Golfinhos do Sado* (2009), *Estuário* (2017), *Selvagens* (2020) e *Costa Alentejana*, no ano passado. A conservação das tartarugas-verdes no arquipélago dos Bijagós vale-lhe a distinção da revista francesa *Terre Sauvage*. Inquieto e inconformado, procura permanentemente novos projetos. *Terras da Comporta* é o seu último desafio.

Como surgiu a ideia da publicação deste livro e como irá ser distribuído?

Terras da Comporta é uma edição de autor para a Vanguard Properties, não vai estar à venda nas livrarias. O projeto foi apresentado juntamente com todos os meus livros e chegámos à conclusão que a Vanguard gostaria de apresentar uma compilação de várias partes dessas temáticas, congregando num único livro a fauna, a flora e a diversidade das paisagens da Comporta.

Como caracteriza a relação da Vanguard Properties, um promotor imobiliário, com a Comporta, uma região de tão grande biodiversidade?

Estes projetos novos – não só os da Vanguard, mas todos os projetos que estão a acontecer na Comporta – devem ter o máximo cuidado e respeito pela natureza. Para mim, esse é o ponto obrigatório. Homem e vida selvagem podem viver em comunhão e respeitar-se mutuamente.



Abelharuco



Cegonha-branca

O que nos revela o livro *Terras da Comporta*?

Revela um pouco do muito que as pessoas podem encontrar na região: uma flora linda e espetacular, às vezes sazonal; a mesma coisa com as aves – numa só época podem avistar-se mais de 250 a 300 espécies; alguns mamíferos também e paisagens únicas desta costa maravilhosa – mais de 60 quilómetros de praias ininterruptas de Troia a Sines, lindas e praticamente desertas. Para quem não conhece a região, pode ser uma bela surpresa.

Há golfinhos no seu livro?

Sim. Os golfinhos do Sado também passam pelas praias da Comporta, em frente ao projeto da Vanguard. Também mostro golfinhos-comuns, pardelas, algumas espécies de aves. O estuário do Sado é um dos últimos refúgios da vida selvagem em Portugal. Temos uma diversidade enorme de dunas, de costa, praias, estuário, sapal, montado, salinas, arrozais, pinhal...

Considerando toda essa riqueza, como estruturou o livro?

Idealizei o livro a partir da forma como vejo a Comporta, vindo de Troia. Vivi em Troia durante doze anos e conheço a região como a palma da mão. À minha direita tenho dunas e naquela língua de areia lá ao fundo vejo, de um lado o estuário e o rio, e, do outro, o mar e a costa atlântica.

O livro abre com uma imagem do arrozal, uma das paisagens mais emblemáticas da Comporta, depois começam a aparecer animais, no estuário e no sapal, continua com dunas, plantas e os animais que nelas habitam. Mais adiante encontramos paisagens de arroz naquele verde vibrante que parece que estamos na Ásia. Organizei a estrutura do livro por temas – Terra, Azul, Asas, Areia e Luz – e termina com a zona da costa, paisagens e praias desertas de areia branca.

“Organizei a estrutura do livro por temas – Terra, Azul, Asas, Areia e Luz – e termina com a zona da costa, paisagens e praias desertas de areia branca.”

Pedro Narra



Golfinho roaz do Sado

O que mais o surpreendeu?

Todos os dias me surpreendem. Posso passar um dia ou um mês com um animal, com uma planta ou com um inseto que é sempre diferente. O que verdadeiramente me dá gozo nesta profissão é que toda a minha criatividade está concentrada na fotografia, posso ser mesmo eu, desligar-me dos problemas do dia a dia, focar totalmente a minha preocupação e a minha cabeça no que estou a fotografar. E tenho a liberdade para escolher os temas que me dão prazer trabalhar. O que vivo na fotografia são momentos únicos que só posso partilhar mais tarde, mas apenas uma pequeníssima parte dessa vivência.

Quantas semanas ou meses passou no terreno e qual foi a sua metodologia de trabalho?

Estamos a trabalhar com a natureza e, quando assim é, posso fazer uma imagem nalguns minutos porque apanhei uma luz fantástica, como posso demorar cinco, seis, sete anos. Num projeto como este foi mais fácil porque já tinha algumas imagens.

Qual foi o aspeto mais difícil e demorado de fotografar?

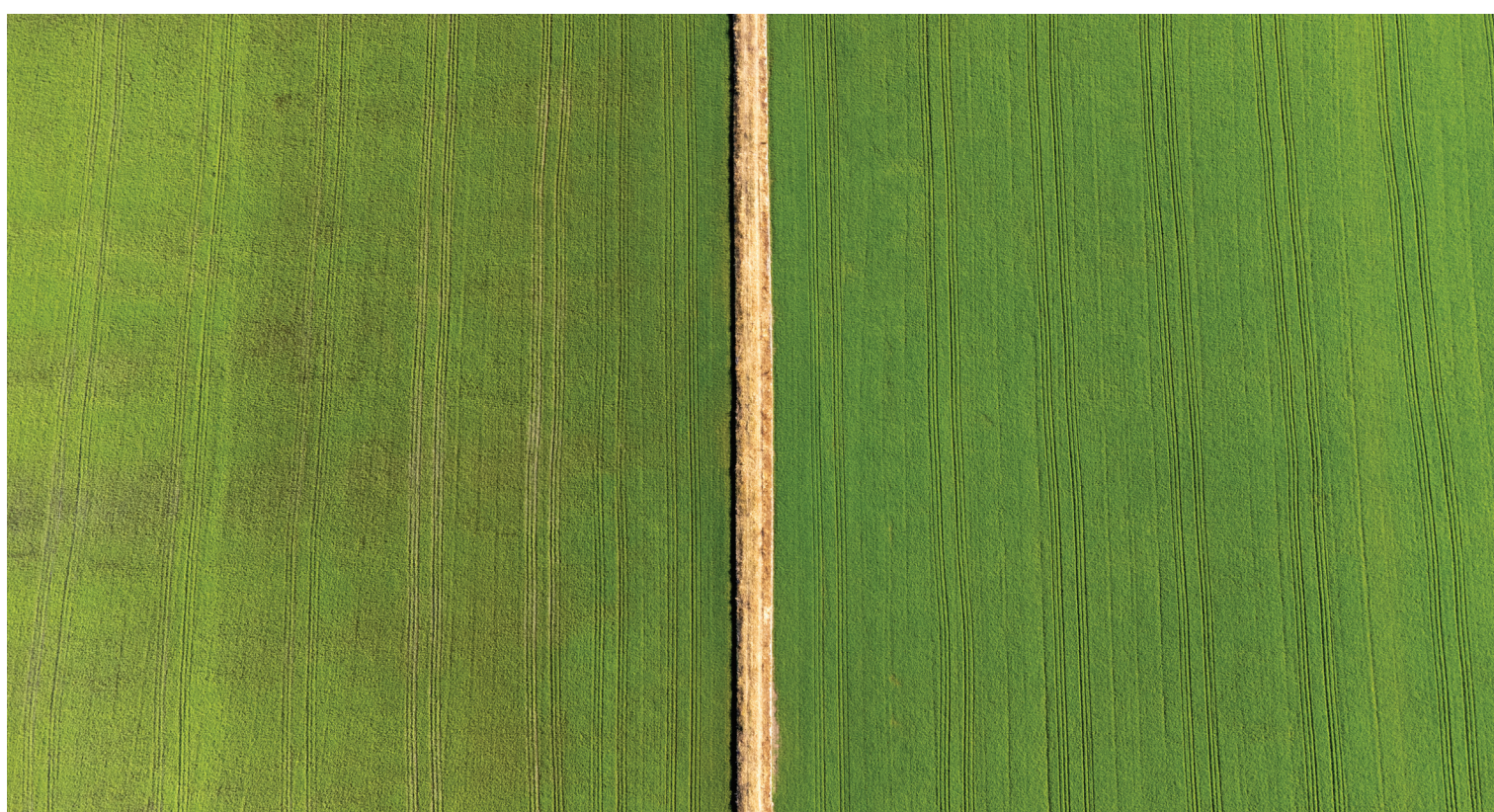
São sempre os mamíferos – porque a maior parte tem hábitos noturnos – e depois algumas aves. A descoberta, o início do processo é sempre o mais complicado: apanhar os seus hábitos, descobrir aonde vão pousar, aonde vão dormir, depois começamos a perceber os seus comportamentos, por vezes, torna-se até uma rotina.

Como podemos viver e desfrutar da região da Comporta e de toda a sua biodiversidade sem a estragar?

Com o maior respeito possível, respeitando tanto a natureza como nós próprios, humanos. Mandar um plástico para a água ou esquecer um saco de lixo na praia é mau e o mal que fizermos ao ambiente voltará para nós. É tão simples quanto isto.

Ficou alguma coisa por fotografar?

Fica sempre. Eu podia fotografar só a região da Comporta durante o resto da minha vida que não acabavam os temas. Há sempre uma folha, mais um inseto, uma borboleta, o pôr do Sol, há sempre qualquer coisa. Motivos nunca faltariam.



O arroz, esse malandro...

A imensa mancha verde de arrozais que se estende entre Grândola e Alcácer do Sal é também uma das imagens de marca da Comporta: aqui, o arroz carolino é rei e senhor e domina a gastronomia da região.

É bem português, de excecional qualidade e permite dar asas à imaginação, podendo ser cozinhado de mil e uma maneira, com carne, peixe ou legumes, pois nenhum outro alimento tem tanta capacidade para absorver os sabores de outros ingredientes como o arroz. Seja de tomate, de polvo, de marisco, de lingueirão, de grelos, de coentros, de serrabulho e até doce, com leite, açúcar e canela, o nosso arroz carolino é perfeito para cozinhar aquele arroz malandrinho, caldoso, cremoso e intensamente saboroso a que ninguém resiste.

Esta variedade autóctone é caracterizada pelo seu bago branco, curto e gordo, que ao ser cozido absorve por completo o líquido usado. Como os seus grãos são mais gomosos por terem mais amido, o resultado final é surpreendente: volumoso (depois de cozinhado, mesmo só com água, adquire três vezes o seu volume) e sempre aveludado, seja qual for o seu acompanhante.

E se o cultivo do arroz, um alimento originário da Ásia, só chegou à Europa no século VII, é aos mouros que devemos não só a sua introdução na Península Ibérica, algures entre os séculos VII e VIII, como também o seu nome que deriva da palavra árabe *roz* (*ar roz*).

Em Portugal, é no reinado de D. Diniz (1279-1325) que aparecem as primeiras referências ao seu cultivo,

então destinado apenas às classes mais ricas. Com os Descobrimientos o arroz é levado pelos navegadores portugueses para lá dos mares nunca antes navegados, África, América do Sul e sobretudo Brasil, onde o “arroz com feijão” se tornou um prato não só de referência como de sobrevi-

vência para a grande maioria da população.

Já no século XVIII, D. José resolve investir na produção que se espalha pelos terrenos pantanosos das zonas alagadas junto aos estuários dos rios Tejo, Sado e Mondego, mas é só no princípio do século XX que tem início a verdadeira e definitiva expansão da cultura do arroz e apenas após a elaboração de regras adequadas à preparação dos terrenos e à gestão da água (rega e drenagem). Assim, com o estabelecimento da moderna orizicultura, começa-se a cultivar diferentes variedades de arroz e o nome “carolino” passa a designar os grãos oblongos da

(continua na pág. seguinte)



Arroz malandrinho de peixe



(continuação da pág. anterior)

variedade japónica *Oryza sativa mítica*, distinta do arroz da terra (*Oryza sativa communis*) e semelhante ao arroz cultivado nos estados da Carolina, nos EUA.

Existem indícios do cultivo do arroz nos terrenos atualmente pertencentes à Herdade da Comporta, uma das maiores propriedades agrícolas nacionais, ainda em meados do século XIX, mas em 1836 esta é incorporada na Companhia das Lezírias do Tejo e Sado, detida pela Coroa portuguesa. Em 1925, é adquirida pela Atlantic Company, Lda., uma empresa britânica que também investe na cultura do arroz, fertilizando as terras e ali construindo instalações agrícolas. Trinta anos depois, em 1955, a Herdade da Comporta é comprada por Manuel Ricardo Espírito Santo, então presidente do Banco Espírito Santo, que decide acelerar o seu desenvolvimento, aumentando a área das terras produtivas – arrozais e pinhais –, apostando no vinho e noutros produtos hortícolas e dando início à requalificação das várias aldeias.

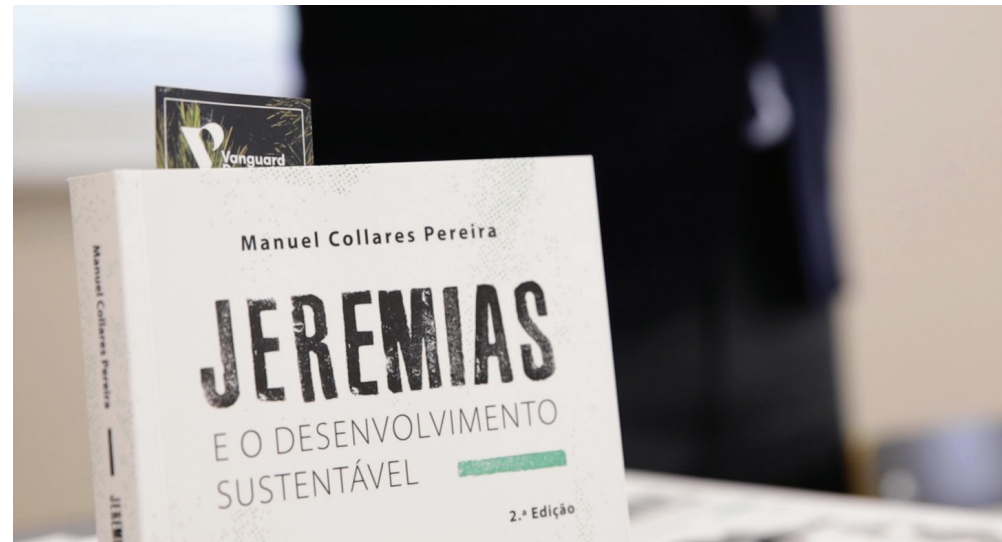


Arroz-doce com canela

Já no século XXI, em 2019, 1376 hectares dos 12 500 que integram a Herdade são vendidos à Vanguard Properties que inicia o desenvolvimento do maior projeto imobiliário da região, o Terras da Comporta.

Felizmente, alheio às vicissitudes políticas e económicas das últimas décadas, o cultivo de arroz carolino nesta região não só vingou, como tem vindo a dar cada vez mais fama e proveito à gastronomia local, tornando-se um ingrediente incontornável em qualquer um dos muitos restaurantes da Comporta e arredores, que vão buscar os mais frescos produtos do mar e da terra para confeccionarem verdadeiras iguarias como o célebre arroz de choco feito na sua própria tinta. Quem nunca provou, nem sabe o que perde!

Educar para a sustentabilidade



Explica temas científicos numa linguagem clara e acessível, levando-nos a viajar pelos conceitos fundamentais da física, da energia e do clima. Assinado pelo reputado Professor Manuel Collares Pereira, *Jeremias e o Desenvolvimento Sustentável* contou com uma edição especial patrocinada pela Vanguard Properties destinada aos alunos de Grândola e Alcácer do Sal.

Rita estudará temas relacionados com o clima e João com as energias renováveis. As conversas com o professor Nuno, que conheceram através do tio Jeremias, foram decisivas para lhes proporcionar conhecimentos sobre a sustentabilidade em áreas como o ambiente ou a energia, ajudando-os a escolher o curso que, em breve, irão iniciar na universidade. Rita e João são personagens do livro *Jeremias e o Desenvolvimento Sustentável*, mas poderiam ser pessoas de carne e osso.

Escrito por Manuel Collares Pereira, professor jubilado do Instituto Superior Técnico e membro das prestigiadas Academia de Engenharia e Academia das Ciências de Lisboa, *Jeremias e o Desenvolvimento Sustentável* rasga horizontes no conhecimento, educa para a sustentabilidade e ajuda a fazer escolhas. São muitas coisas num só livro. Aliás, como escreveu o antigo Presidente da República, Jorge Sampaio, no prefácio, esta obra é “*um instrumento de navegação indispensável, como uma bússola em tempos de nevoeiro.*”

Em cerca de 200 páginas, o professor, uma sumidade em energias renováveis

e assessor científico da Vanguard Properties, analisa temas complexos de maneira simples e num português acessível. “*Acho que todos os cientistas devem fazer um esforço para divulgar a sua ciência, sobretudo quando esta ciência tem tanto impacto sobre a nossa vida*”, explica Manuel Collares Pereira.

A narrativa estrutura-se em torno de uma amizade improvável entre um motorista de autocarro, Jeremias, e um professor universitário, Nuno, que se

estende à sobrinha Rita e ao namorado desta, João, que, ao longo de vários encontros, vão conversando e refletindo sobre as alterações climáticas, o ambiente, a energia nuclear, as questões associadas ao consumo de carne, o problema da reciclagem... Pouco a pouco, vão percebendo a importância das escolhas que todos têm de fazer para se poder caminhar rumo a um desenvolvimento sustentável.

“*No fundo, as personagens são representantes das pessoas comuns, do público em geral, que merece estar a par destes assuntos porque mexem com a vida de todos nós*”, adianta. “*Tentei contar uma história muito simples, que retrata situações da vida que vão evoluindo com o passar do tempo.*”

Organizado em capítulos temáticos, o livro – que inclui o discurso do secretário-geral da Organização das Nações Unidas, António Guterres, na abertura da Cimeira Climate Action, em setembro de 2019 – tanto pode ser lido do princípio ao fim, como simplesmente consultado por quem quiser aprofundar um ou outro assunto, uma vez que todos os temas são abordados de forma autónoma.

Manuel Collares Pereira partiu para este projeto com a ambição de atingir o grande público, de chegar aos mais jovens e proporcionar-lhes educação sobre a sustentabilidade. Uma iniciativa apoiada pela Vanguard Properties que promoveu uma edição especial para oferecer aos alunos do 8.º ao 12.º ano dos Agrupamentos de Escolas de Grândola e de Alcácer do Sal. *Jeremias e o Desenvolvimento Sustentável* tem chancela da editora Livros Horizonte e está à venda nas livrarias do país.



Manuel Collares Pereira durante a apresentação do seu livro aos alunos do Agrupamento de Escolas de Grândola

FICHA TÉCNICA

Autoria: Marketing e Comunicação Vanguard Properties | **Projeto gráfico e paginação:** Blend Events | **Edição, produção de conteúdos e tradução:** Book Experience – multimedia storytelling | www.bookexperience.net
Tiragem: 700 | **Papel:** Inapa Offset Recycled 100% | **Impressão:** Sprint, Impressão Rápida | **Copyright:** Vanguard Properties 2022